

# TRÊS RIOS. TRÊS REGIÕES. TRÊS POETAS.

Manoel Fernandes de Sousa Neto  
Departamento de Geografia UFPB

---

## RESUMO:

A escolha pelos rios dos poetas de três regiões distintas, reflete a necessidade de perceber, por intermédio de uma análise comparativa, como a poesia pode ser importante para a construção de certas identidades geográficas ou de como podemos dela nos assenhorar, no sentido de apreender aquilo que despercebido às vezes passa: os rios e seus mais diversos signos.

## PALAVRAS-CHAVE:

Identidade, rio poesia, região, geografia.

## ABSTRACT:

The choice of rivers by poets from three different regions, reflects the necessity of understanding, by a comparative analysis, how poetry can be important for the construction of some geographical identities, or how can we be possessed by it, in a sense of apprehending about something we may let pass away: the river and diversity of signs.

## KEY-WORDS:

Identity, river, poetry, region, geography.

---

*Esse rio é minha rua.*

Rui Barata

O rio, para Cirlot, é um símbolo ambivalente por corresponder à força criadora da natureza e do tempo. Por um lado, simboliza a fertilidade e a progressiva irrigação da terra; por outro, o transcurso irreversível e, em consequência, o abandono e o esquecimento.

(CIRLOT, 1984: 499)

O rio está na origem da agricultura, do comércio, da sedentarização do homem. Desde a sua vida progressivamente nômade até a civilização baseada na produção de alimentos, artes e leis, há para a humanidade o Nilo, o Tigre e o Eufrates. O rio guarda elementos muito distintos entre si e pode caracterizar lugares, servir de muitos modos para a produção de alimentos, expressar muitos significados.

O rio que fala para Vasudeva e para Sidarta é o mesmo que guarda em si múltiplas possibilidades. Ele ri e chora enquanto corre. Corre com sua fluidez. Lava e conduz os homens no seu dorso. Ensina e aprende. Guarda em si todos os

mistérios da natureza e é de uma simplicidade sem par.

*- O rio tem muitas vozes, um sem número de vozes; não é meu amigo? Não te parece que ele tem a voz de um rei e as de um guerreiro, a voz de um touro e a de uma ave noturna, a voz de uma parturiente e de um homem que suspira, e inúmeras outras ainda?*

(HESSE, 1985:116)

Ao lado de uma corrente qualquer de água, que escoe à superfície do chão, que encha o olhos da gente de luz e de sombras, haverá sempre uma possibilidade de traduzir nela a nossa visão de mundo. Assim como se tivéssemos no espelho da água uma espécie de reflexo das coisas que pensamos sobre o cosmo. O que será possível ver por intermédio da poesia no rio?

Se para Rubem Alves a poesia é o esforço desesperado para dizer o que não pode ser dito (ALVES, 1993: p.29), como poetizar o rio? Ou o que dizer de um rio, já que ele não é nada mais que aquilo que é, simplesmente um rio?

Eis a questão: os poetas buscam as palavras

*que moram no silêncio* (ALVES, 1993: p. 31), nos silêncios do que quer que seja, como diz o *Patativa* quando fala sobre o mar: *O mar tem um quer que seja/que só Deus sabe o que é.*

Pensando assim, por onde poderíamos fluir?

Que tal se percorrêssemos a imagem do Rio em outros poetas? Seria interessante, quem sabe, comparar poetas de regiões diferentes. E se comparássemos o *Tietê* de Cassiano Ricardo, com o *Capibaribe* de João Cabral de Melo Neto e o *Amazonas* de Thiago de Melo? *Três rios, três regiões, três poetas.* Três visões de mundo por intermédio do correr das palavras sobre o leito da dura pedra, que a água da poesia com o seu carinho amacia e transforma.

Pois bem. Os rios que se entrecruzam nesta análise, menos poética e mais geográfica, situam-se em diferentes regiões da palavra e da Geografia. O *Tietê*, o primeiro deles, nasce na Serra do Mar e corre para o interior, guarda em si a característica de fluir de modo inverso à natureza dos rios, que na sua trama descendem buscando o abrigo do mar. O *Capibaribe* é um rio de regime intermitente, *como os rios lá de cima,/é tão pobre que nem sempre/pode cumprir sua sina/e no verão também corta,/com pernas que não caminham.(...)* (MELO NETO, 1993:77), mas chegando ao Recife ele se transforma em mangue e entra em contato com o mar, misturando doce e sal. O *Amazonas* é um rio de muitos rios e muitas águas, o maior do mundo em extensão e volume, podemos dizer brincando, que o *Amazonas* em si mesmo já é um outro e maravilhoso mundo.

### O Tietê de Cassiano Ricardo

O Cassiano Ricardo foi de um grupo conhecido como *verde-amarelo*, participou ativamente das transformações sugeridas pela semana de arte de 1922 e escreveu em 1928, entre outros livros, um que trata da reinvenção da identidade brasileira a partir de São Paulo: *Martin Cererê*. O livro fala da forma como o Brasil foi colonizado pelos portugueses; como se deu a relação entre índios e lusitanos; como aqui chegaram os negros e finalmente como vieram para cá os migrantes da Ásia e da Europa, formando uma nação que na sua expressão é um *grande baralho humano*.

Para Cassiano Ricardo, foram os Bandeirantes, que a partir de São Paulo, mais

especificamente, pelo *Tietê* adentro, fizeram a descoberta de um Brasil ainda menino no sentido oeste. Se à altura da cana-de-açúcar e do gado já havíamos entrado pelo leste e um pouco nos sertões do Nordeste, é pelo *Tietê* que os *heróis nacionais de bandeiras à mão* vão buscar a riqueza do país, vão expandir de modo real nossas fronteiras e possibilitar nosso crescimento em direção ao futuro.

A poesia que melhor coloca esta perspectiva e associa o rio à imagem de predestinação dos Gigantes paulistas para a (re)descoberta do Brasil, fazendo o rio aparecer com a sua natureza distinta, e fundamental para a tarefa histórica, de outros rios do País, é justamente a poesia *O Sem-Fim*. Senão vejamos:

### O Sem-Fim

*A barraca ambulante,  
as arrobas de pólvora e balame,  
os enxós, as enxadas,  
as bateias, as cuias,  
as foices, as redes de embira,  
as bruacas de couro, os anzóis,  
os gibões de algodão,  
os facões, os machados,  
e uma viola de pinho ...  
e que mais?*

*E chumbo com armas de fogo  
mosquetões, escopetas,  
pra espantar o selvagem;  
batelões pra transpor quantos rios topassem  
na viagem  
provisões nas sacolas de couros pra cinco  
jornadas,  
sapatões pra duzentas estradas,  
chapelão pra dez anos de sol e de chuva;  
e o Tietê, que nascera correndo pra dentro  
da terra e de costas voltadas pro mar  
conduzindo pirogas morenas  
com homens de bronze formando bolotas  
de músculos  
no peito e nos braços,  
pra onde vão? não sabemos  
é uma voz que nos chama  
e é esta voz que dirá nosso fim.  
E os Gigantes partindo pro mato  
um por um: vocês rezem por mim!  
Longe apenas um canto de pássaro  
dizendo "sem-fim" ...*

*e o Tietê, que nascera correndo pra dentro/  
da terra e de costas voltadas pro mar/conduzindo*

*pirogas morenas/com homens de bronze formando bolotas de músculos/no peito e nos braços,/pra onde vão? não sabemos/ é uma voz que nos chama/e é esta voz que dirá nosso fim.* Nesta passagem fica muito clara a função do rio, sendo que na existência de tudo mais indumentária, armas, coragem, instrumentos não fosse o *Tietê* e os homens não seriam conduzidos pelas águas em direção ao interior do território. O *rio*, neste sentido, é quase que o símbolo da própria índole paulista, ou seja, enquanto o restante da nação está bordejando o litoral com os olhos voltados para o mar e para a Europa, o *Tietê* está como o povo de São Paulo com os olhos voltados para dentro da terra e dos seus segredos. O *rio* assume assim o signo do desbravador e se inscreve como alegoria de um povo que diz ter construído a nação, como se a nação tivesse seu berço em São Paulo e ele representasse a locomotiva que conduz o resto dos vagões, como no caso do rio, o caminho de dentro da nossa própria identidade.

A técnica da enumeração de coisas, imagens e sons se coloca como eixo da construção de *O Sem-Fim*, assim como se o próprio rio, de que fala Cassiano, descesse com as mesmas águas, se recriando nos encadeamentos das palavras que nomeiam os objetos. Esta não é a técnica utilizada por João Cabral de Melo Neto em *O Rio*, onde a poesia se fundamenta pelo uso permanente de imagens, paralelismos e comparações, e a sua proposição poética flui por dentro das condições de vida, objetos e paisagens que caracterizam a diversidade do Nordeste a partir de Pernambuco.

### O Capibaribe de João Cabral

O *Rio* tem um tamanho imenso, são ao todo sessenta estrofes de dezesseis versos. As águas que dele vão-se multiplicando, pelas palavras, têm a intenção de narrar a viagem que o *Velho Capiba* faz desde de sua infância até a velhice, desde o sertão à cidade estuarina do Recife, desde as terras que vêem pouca chuva até a lama dos mangues que se abraçam com o Atlântico.

Já de início *O Rio* revela sua intenção ou aquilo que em essência a poesia é: *relação de viagem que o Capibaribe faz de sua nascente à cidade do Recife*. Neste sentido, estamos falando de um rio narrador, que atravessando paisagens, vai contando o que vê ao longo do caminho. Associando o poético

ao prosaico e a cultura erudita à tradição oral dos cantadores - contar histórias longas, com rimas ricas, versos em redondilha menor e imensa musicalidade -, o poeta rompe com os limites entre poesia e prosa, entre erudito e popular.

*Assim, explica-se a invasão do prosaico na medida em que o discurso refletirá, isomorficamente, a miserável cotidianidade do espaço que irá abarcar. Essa relação de homologia foi destacada por Benedito Nunes, ao falar da repetição dos versos penta e hexassilábicos, das dissonâncias e estridências, das incompletudes e redundâncias tributo voluntário a uma linguagem oral transposta ao texto, ao estilo dos cantadores.* (SECCHIN, 1985:86)

Utilizando-se de uma série de metáforas e comparações, *O Rio* vai se assemelhando aos seres e objetos com os quais convive no seu cotidiano. Essa similaridade se dá em relação àquilo que fundamenta a ação desses seres e objetos ou os caracteriza: *Sempre pensara em ir/caminho do mar./ Para os bichos e rios/nascer já é caminhar.(...)* (1ª &, p. 114); *Deixando vou as terras/de minha infância primeira./Deixando para trás/os nomes que vão mudando./Terras que eu abandono/porque é de rio estar passando./Vou com passo de rio,/que é de barco navegando.(...)* (6ª &, p. 116); *“(...) Sou viajante calado./para ouvir histórias bom,/a quem podeis falar/sem que eu tente me interpor;/junto de quem podeis/ pensar alto, falar só./Sempre em qualquer viagem/ o rio é o companheiro melhor.* (11ª &, p. 119); *“(...) um menino bastante guenzo/de tarde olhava o rio/como se filme de cinema;(...)* (46ª &, p. 136); *Conheço toda a gente/que deságua nestes alagados./Não estão no nível do cais,/vivem no nível da lama e do pântano./Gente de olho perdido/ olhando-me sempre passar/como se eu fosse trem/ ou carro de viajar.(...)* (58ª &, p., 142) e, dentre os exemplos que podemos elencar, quicá um dos mais interessantes seja justamente aquele que compara o *curso de água narrador* aos outros meios/vias de transporte utilizados no transcurso que liga o sertão ao litoral.

*Agora vou deixando  
o município de Limoeiro.  
Lá dentro da cidade  
havia encontrado o trem de ferro.  
Faz a viagem do mar*

*mas não será meu companheiro,  
apesar dos caminhos  
que quase sempre vão paralelos.  
Sobre seu leito liso,  
com seu fôlego de ferro,  
lá no mar do Arrecife  
ele chegará muito primeiro.  
Sou um rio de várzea,  
não posso ir tão ligeiro.  
Mesmo que o mar os chame,  
os rios, como os bois, são ronceiros.  
(OR, 18ª &, p. 122)*

O Rio, ao assumir para si, em primeira pessoa, a tarefa de narrar os acontecimentos que vivencia, apresenta-se como um retirante, como os demais retirantes para os quais faz companhia, que são aqueles que migram da Caatinga para o Mangue, passando pelo Agreste e pela Mata com suas *terras femininas*.

Neste sentido, poderíamos dizer que este, dentre os muitos rios cabralinos, é um rio Severino. Porque entre o poema *Morte e Vida Severina* e *O Rio*, as semelhanças são imensas e o uso de certas imagens e recursos poéticos são sobremodo idênticos, como se João Cabral propusesse a indissociabilidade entre rios e homens. Em ambos, Severino e Capibaribe, o destino parece ser o de ir até o mar; o caminho, *como contas de um rosário*, passa pelas mesmas vilas e bordeja paisagens que lhe são comuns; a denúncia social está presente com a mesma força e se apresenta como eixo do discurso, posto que homens e rios passam pelos mesmos espaços geográficos; há momentos em que orgânico e inorgânico mudam seus papéis, e um assume a *vida* do outro ou conjuga o universo da vida.

Senão vejamos a fala de Severino retirante e depois o que nos diz o Capibaribe:

*— Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouca ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata*

*a diferença é a mais mínima.  
Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o querosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda  
quer na serra de caliça,  
a vida arde sempre com  
a mesma chama mortiça.  
Agora é que compreendo  
por que em paragens tão ricas  
o rio não corta em poços  
como ele faz na Caatinga:  
vive a fugir dos remansos,  
a que a paisagem o convida,  
com medo de se deter,  
grande que seja a fadiga.  
Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
é chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.  
(MVS, p.91/92)*

e

*Parece que ouço agora  
que vou deixando o Agreste:  
'Rio Capibaribe,  
que mau caminho escolheste.  
Vens de terra de sola,  
curtidas de tanta sede,  
vai para terra pior,  
que apodrece sob o verde.  
Se aqui tudo secou  
até seu osso de pedra,  
se a terra é dura, o homem  
tem pedra para defender-se  
Na Mata, a febre, a fome  
até os ossos amolecem'  
Penso: o rumo do mar  
sempre é melhor para quem desce.  
(OR, p.123)*

Deste modo, tanto em *O Rio* quanto em *Morte e Vida Severina*, utilizam-se termos e expressões que servem para caracterizar as sub-regiões nordestinas. O Sertão com sua *dureza de pedra e sua sede de palha*; o Agreste como região

de passagem, onde nada pára; a Mata com sua pele macia e abundância de água, onde só a cana é que vive, onde a morte também não falha e, finalmente, o mangue onde a vida se confunde com a lama, lama de onde a vida é pescada pelos homens caranguejos.

No Recife, o fim da viagem, local onde o rio quase pára e se entrega ao oceano, a cidade tem suas contradições reveladas. O Recife parado, o rio parando, o Capibaribe expressão maior da pobreza de uma cidade que há séculos vive a decadência da economia açucareira. Expressão também das palafitas que se erguem sobre a lama, como aquela do mestre Carpina, em oposição aos prédios do hospício, da cadeia, das catedrais da antiga cidade, como se tudo lá, como o próprio rio houvesse estancado no tempo. É um rio de lama, de toda a lama que há advinda da brancura do açúcar.

*Casas de lama negra  
há plantadas por essas ilhas  
(na enchente da maré  
elas navegam como ilhas);  
casas de lama negra  
daquela cidade anfíbia  
que existe por debaixo  
do Recife contado em Guias.  
Nela deságua a gente  
(como no mar deságuam rios)  
que de longe desceu  
em minha companhia;  
nela deságua a gente  
de existência imprecisa,  
no seu chão de lama  
entre água e terra indecisa.*

*Mas deixo essa cidade:  
dela mais tarde contarei.  
Vou naquele caminho  
que pelo hospital dos Coelhos.  
Por cais de que as vazantes  
exibem gengivas negras,  
leva àquele Recife  
de fundação holandesa.  
Nele passam as pontes  
de robustez portuguesa,  
anúncios luminosos  
com muitas palavras inglesas,  
passa ainda a cadeia,  
passa pelo Palácio do Governo,  
ambos robustos, sólidos,  
plantados no chão mais seco.  
(OR, p. 138)*

Assim, João Cabral, constrói *O Rio* como um curso de água discurso, que denuncia as diferenças

a partir da percepção da espacialidade geográfica. A paisagem, para o poeta serve para lembrar o que na paisagem já está escrito. Já o rio *Amazonas*, de Thiago de Melo, *Pátria das Águas*, difere imensamente dos rios do Nordeste como o Capibaribe, como também não tem as costas viradas para o mar, como o Tietê paulista. O Amazonas é também brasileiro, mas não nasce no Brasil, sua extensão o torna água de muitos países e línguas, não é como os outros dois rios, expressão de paisagens nordestinas ou ainda de uma idéia de nação.

### **O Amazonas de Thiago de Mello**

Agora é na poesia de Thiago que vamos mergulhar, mas não o faremos sem antes oferecer, por intermédio do próprio autor, uma idéia de rio, já que as águas da sua história de vida se misturam com nascentes e foz amazônicas.

#### *Como Um Rio*

*Ser capaz, como um rio  
que leva sozinho  
a canoa que se cansa,  
de servir de caminho  
para a esperança.  
E de lavar do límpido  
a mágoa da mancha,  
como um rio que leva,  
e lava.*

*Crescer para entregar  
na distância calada  
um poder de canção,  
como o rio decifra  
o segredo do chão.*

*Se tempo é de descer,  
reter o dom da força  
sem deixar de seguir.  
E até mesmo sumir  
para, subterrâneo,  
aprender a voltar  
e cumprir, no seu curso,  
o ofício de amar.*

*Como um rio, aceitar  
essas súbitas ondas  
feitas de águas impuras,  
que afloram a escondida  
verdade nas funduras.*

*Como um rio, que nasce*

*de outros, saber seguir  
junto com outros sendo  
e noutros se prolongando  
e construir o encontro  
com as águas grandes  
do oceano sem fim.*

*Mudar em movimento,  
mas sem deixar de ser  
o mesmo ser que muda.  
Como um rio.*

Como se fosse um rio, Thiago de Mello constrói a sua poesia de modo fluente, como que fluindo levemente por dentre as margens de terra, na doçura da pedra, como um rio. Em *Amazonas, Pátria da Água*, poesia tão grande como o próprio Amazonas, temos uma perfeita descrição sócio-ambiental da região amazônica, uma caracterização geográfica minuciosa de múltiplos aspectos: geológicos, geomorfológicos, climatológicos, hidrológicos, antropológicos, históricos e culturais.

As primeiras estrofes falam do modo como o rio se conforma, a localização da sua nascente e as diversas contribuições que recebe para de fino fio de lâmina d'água se transformar em rio caudal, ainda descreve o seu tamanho, a área que ocupa e a diversidade natural que comporta dentro e fora de si. Senão vejamos:

*§. Da altura extrema da Cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do Equador.*

*§. Planície que ocupa a vigésima parte da superfície deste lugar chamado Terra, onde moramos. Verde universo equatorial que abrange nove países da América Latina e ocupa quase a metade do chão brasileiro. Aqui está a maior reserva mundial de água doce, ramificada em milhares de caminho de água, mágico labirinto que de si mesmo se recria incessante, atravessando milhões de quilômetros quadrados de território*

*verde. É a Amazônia, pátria das águas.*

*§ É a Grande Amazônia, toda ela no trópico úmido, com a sua floresta compacta e atordoante, onde ainda palpita, intocada e em vastos lugares jamais surpreendida pelo homem, a vida que se foi urdindo em verdes desde o amanhecer do Terciário. Intocada e desconhecida em muito de sua extensão e de sua verdade, a Amazônia ainda está sendo descoberta.*

(APA, p.67)

A partir deste maravilhoso início, Thiago de Mello vai mergulhando Amazônia adentro. Descrevendo as paisagens; revelando os nomes que já deram ao rio Amazonas *Mar Dulce, Orellana, Marañon, Guieri, Parauçu*, nas mais diversas línguas; enumerando as formas das águas se comportarem e se relacionarem com os homens; narrando a história da região e de seu povo; chamando atenção para a importância que a Amazônia tem para a humanidade inteira.

Esta poesia, pode ser nomeada pelo que nela há de denúncia, mas ela é também de esperança. O poeta, grávido que está das paisagens ribeirinhas, caboclo que é das selvas amazônicas, sente a necessidade de dizer que não é possível continuar desmatando, poluindo, genocidando.

*§. Eles eram mais de um milhão quando aqui chegou o colonizador europeu. De extermínio em extermínio, depois de quatrocentos e tantos anos, hoje eles não chegam a cinqüenta mil. E desses, quase todos já perderam, feridos fundamente na essência dos valores de sua etnia, a sua própria condição de índios. Uns poucos ainda resistem, escondidos nas últimas lonjuras da selva, fugindo ou evitando ao máximo, quando podem, o contacto com os chamados agentes da civilização. O que desejam esses pequenos resíduos tribais ainda espalhados pelo chão da Amazônia, como de outros raros lugares do Brasil, é simplesmente poder ser e seguir sendo simplesmente índios. Querem o direito de ser o que são.*

(APA, p.93)

A pátria água, desnudada pela imensidão de rios que comporta e de águas que nela se desdobram, tem o Amazonas como rio e símbolo maior, fio condutor daquilo que compõe o poema e

permite ao poeta dizer. Daí, talvez, sua imensa riqueza geográfica, porque as paisagens; os processos inerentes ao ciclo da água; a ocupação do território amazônico; a intervenção do Estado na região com seus mega-projetos; os ciclos econômicos; a luta pela terra; são ofertados ao leitor no próprio curso do rio.

No fundo, o rio faz um convite, na voz do poeta, para que nós conheçamos melhor a região e a defendamos:

*Eu venho desse reino generoso,  
onde os homens que nascem dos seus  
verdes  
continuam cativos esquecidos  
e contudo profundamente irmãos  
das coisas poderosas, permanentes  
como as águas, os ventos e a esperança.  
Vem ver comigo o rio e suas leis.  
Vem aprender a ciência dos rebojos,  
vem escutar os cânticos noturnos  
no mágico silêncio do igapó  
coberto por estrela de esmeralda.*  
(APA, p. 73/74)

**O rio é a certeza de que existe lugar: <sup>1</sup>  
Tietê, Capibaribe, Amazonas**

*O que é ser-rio, e correr?*  
Fernando Pessoa

Os homens seguiram os cursos correntes de água ou foram conduzidos por eles, por toda parte.

Através desses caminhos líquidos povoaram o mundo com as marcas indelévels da história humana. Às margens dos rios floresceram e se arruinaram cidades, impérios, leis, religiões.

O rio, entre a ficção e a realidade, foi usado para muitos fins. Quando José Arcádio, juntamente com os outros habitantes, construiu as casas da Macondo de *Cem Anos de Solidão*, preocupou-se para que a distância delas em relação ao rio fosse a mesma. O *Sidarta* de Hesse encontrou nas vozes do rio o fim da sua busca e o acesso ao Nirvana. Os fenícios fizeram dos rios seus mercados. Os egípcios, nos deltas do Nilo, edificaram uma civilização que ainda hoje guarda segredos.

O rio é ao mesmo tempo algo universal, porque existem rios em todo lugar, e particular, porque individualizado pela relação que com ele estabelecemos histórica e culturalmente. O que significa dizer que a cultura se esboça na água, naquilo que ela correntemente oferece. Como falar de *Paris* sem o Sena, de *Lisboa* sem o Tejo, de *Buenos Aires* sem o Prata?

Os rios são como documentos feitos de água, como se fossem pergaminhos meandrados. Um poeta já não dissera ser o Amazonas um *rio palimpsesto*? Como imaginar São Paulo sem meter o Tietê no meio do território da história? Como ler o Nordeste sem os rios irmãos do Capibaribe, com a sua intermitência: cheios quando há chuva, entrecortados quando chuva não há?

O rio é um mar de signos. É preciso desvendá-lo.

<sup>1</sup> - Parafrazeando Adélia Prado, que no poema "Legendas Com a Palavra Mapa" diz: *O mapa é a certeza de que existe o lugar.*

## Bibliografia

### Livros

- ALVES, Rubem. *O poeta, o guerreiro, o profeta*. 2ª ed. Petropolis: VOZES, 1993.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- HESSE, Herman. *Sidarta*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- MELLO, Thiago. *Mormaço na Floresta*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. 33ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- RICARDO, Cassiano. *Seleção em prosa e verso*. Organização, estudos e notas da Professora Nelly Novaes Coelho. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Martim Cererê*. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: A poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

### Poesias

*O Sem-Fim (OSF)*, de Cassiano Ricardo  
*O Rio (OR)* e *Morte e Vida Severina (MVS)*, de João Cabral de Melo Neto

*Como Um Rio (CR)* e *Amazonia, Pátria da Água (APA)*, de Thiago de Mello.